



I, 9), e no Apocalipse (XII, 7), ambos na batalha contra o anjo mau. Tem culto católico e dos cismáticos (29 e 8 de setembro). É um dos modelos fixados pelos pintores do Renascimento, figurando um homem novo e vigoroso, armado de espada fulgurante ou lança de prata, com elmo romano, derrubando um dragão ou um demônio. Tendo os judeus trazido do Egito a idéia da psicostasia, avaliação, pesagem das almas, São Miguel, Miguel, "Quis ut Deus?", quem é como Deus?", e na mão a balança onde a alma é colocada no anjo custódio, anjo da guarda, defensor da casa. Na psicostasia egípcia, Anúbis (Verdade) levavam a alma no coração, que era assido pelos quarenta e dois demônios, que era assido pelos quarenta e dois demônios. Postos os demônios eram salvaguardados e depositados na balança, e a confissão negativa. Anúbis depositava a alma no coração e Maít a pena. O modelo de sua divindade. Tendo o anjo da guarda. No Antigo Testamento, as almas das almas. Thekel: *Pesando* (Ezequiel, III, 17-21). São Miguel, dois atributos: o anjo da guarda, contra os vícios e demônios, e a balança para pesar os mortos e o espírito, apenas a matéria e o corpo parece perante São Miguel, e mandando ele a sua balança, e em uma das obras boas e na outra as obras más, e fere o seu julgamento, e a suprema verdade do peso de umas sobre as outras. Quando absolutamente não se nota o curso de obras más, o espírito vai imediatamente para o céu; quando são elas significativas, vai purificar-se no purgatório; e quando estão em seu favor, uma só obra boa, sequer, é remissivamente para o inferno, onde, quando o seu julgamento final no juízo, segundo então a ressurreição do corpo" (Pereira da Silva, *FOLCLORE DO PERNAMBUCANO*, 83-84). É invocado nas orações católicas, para guardar e livrar a alma das garras do diabo, nos últimos momentos da vida terrena e viagem para o outro mundo. Nesse caráter de soldado, guerreiro, lutador, São Miguel é santo popularíssimo, defensor dos valentes, patrão divino dos capoeiras, identificado com Xangô, nas macumbas do Rio de Janeiro, com Oxóssi nos candomblés da Bahia e com Odé nos xangôs do Recife. Há no Brasil seis municípios e 37 paróquias de São Miguel. Sobre sua tradição, ver Luís da Câmara Cascary, *OS BIS E OUTROS ENSAIOS*, ed. do Rio de Janeiro, 1951.

MIGUEL LUCENA DA BOAVENTURA — Ver JOSÉ MARIA.

MIJAR NA COVA — Uma das supremas ameaças populares é prometer urinar sobre a sepultura do inimigo (Leonardo Mota, *NO TEMPO DE LAMPÃO*, 201, Rio de Janeiro, 1930). Urina no túmulo era sacrilégio para o romano, e as inscrições registram o pedido, afastando o desrespeito: *HOSPES AD HUNC TUMULUM NE MEJAS OSSA PRECANTUR TECTA HOMINIS*. O poeta Aulus Persius Flaccus, falecido em Roma no ano 64 depois de Cristo, lembra que se poderá evitar o sacrilégio, desenhando duas estatuas, tornando o lugar sagrado e a miar na cova: *PUERI, SACER EST LOCUS, STATUAE ERUNT ALBAE* (Sátira primeira). A tradição dos demônios eram salvaguardados e depositados na balança, e a confissão negativa. Anúbis depositava a alma no coração e Maít a pena. O modelo de sua divindade. Tendo o anjo da guarda. No Antigo Testamento, as almas das almas. Thekel: *Pesando* (Ezequiel, III, 17-21). São Miguel, dois atributos: o anjo da guarda, contra os vícios e demônios, e a balança para pesar os mortos e o espírito, apenas a matéria e o corpo parece perante São Miguel, e mandando ele a sua balança, e em uma das obras boas e na outra as obras más, e fere o seu julgamento, e a suprema verdade do peso de umas sobre as outras. Quando absolutamente não se nota o curso de obras más, o espírito vai imediatamente para o céu; quando são elas significativas, vai purificar-se no purgatório; e quando estão em seu favor, uma só obra boa, sequer, é remissivamente para o inferno, onde, quando o seu julgamento final no juízo, segundo então a ressurreição do corpo" (Pereira da Silva, *FOLCLORE DO PERNAMBUCANO*, 83-84). É invocado nas orações católicas, para guardar e livrar a alma das garras do diabo, nos últimos momentos da vida terrena e viagem para o outro mundo. Nesse caráter de soldado, guerreiro, lutador, São Miguel é santo popularíssimo, defensor dos valentes, patrão divino dos capoeiras, identificado com Xangô, nas macumbas do Rio de Janeiro, com Oxóssi nos candomblés da Bahia e com Odé nos xangôs do Recife. Há no Brasil seis municípios e 37 paróquias de São Miguel. Sobre sua tradição, ver Luís da Câmara Cascary, *OS BIS E OUTROS ENSAIOS*, ed. do Rio de Janeiro, 1951.



MARELINHA — Ver ACADEMIA.

MARGEM — Distinguem no seringal o centro e a margem. Nesta estão o barracão ou casa matriz, com a moradia do patrão ou administrador, e a casa de mercadorias. Dêsse ponto principiam as "estradas" e os "varadouros", que vão anastomosar-se com os "piqueps" todos rumo ao centro, e por onde os animais de carga e os "comerciantes" do Amazonas (Alfredo da Mota, *AMAZONENSE*, 197, Manaus, 1930).

MARIA ANGU

MARIA BUENO — Figura da tradição do devocional, Parana. Assassinada por seu amante, um soldado, o túmulo homenageado com estatuas que guiraram-se promessas, suplicas, implorando a aplicação da devoção até os últimos dias. O mausoléu de Maria Bueno, em Curitiba, expressão em votos, coroando a promessa escrita no mármore tumular, com velas acesas. É o caso de Chaguinha de Lira, *MIGALHAS FOLCLÓRICAS*, Laemmert, Rio de Janeiro, 1937.

MARIA CHUCHA

MARIA CHUCHA — Dança popular em Goiás, par soito, com o pote equilibrado sobre a cabeça. Diziam que se fazia no Brasil, de onde se trouxe para o Brasil, nos teatros das cidades, divulgando-se antigas e modernas. O Padre Miguel do Sacramento, Gama, no seu *OPUSCULO PUCEIRO*, fevereiro de 1833, quando as danças desabafa sobre o *cachucha*, e outras patifarias semelhantes. Pereira Costa (*VOCABULÁRIO PERNAMBUCANO*, 144) informa que "Diário de Pernambuco" em 1830 anunciava o ator Caetano gueira ter dançado a *CACHUCHA*, e em 1831 anunciava-se a venda de castanholas próprias para dançar a *CACHUCHA* ou outra qualquer dança. O musicólogo mexicano Vicente T. Mendonza, que estudou LA *CACHUCHA* ("Homenaje a Don Luis de Hoyos Sainz", 223-233, Madrid, 1949), esclarece ter origem em Cádiz, como canção popular de marinheiros, e nascida entre 1810-1812, espalhada pela Europa e América latina. Cantavam no Brasil muitos versinhos, possivelmente com a música da cachucha ou maria-cachucha:

MARIDO, MARIDO-É-DIA

Maria Cachucha,  
Quem é teu pimpão?  
— É um moço bonito  
Chamado Janjão!

Maria Cachucha,  
Com quem dormes tu?  
— Com um menininho  
Chamado Angu!

MARIA-CADEIRA — Na Bahia, maria-cadeira em São Paulo, coche-quebrado n'América Espanhola, cadeirinha no Estado do Rio de Janeiro e nordeste do Brasil. Brinquedo infantil no tipo do "carneirinho, carneirão". Ver CADEIRINHA.

MARIA-CHICA — Ver BALÃO FACEIRO.

MARIA-DAS-PERNAS-LONGAS — Ver CHUVA.

MARIA-É-DIA — Ver MARIDO, MARIDO-É-DIA.

MARIA-ISABEL — Ver MARIA-IZABÉ.

MARIA-JÁ-É-DIA — Ver MARIDO, MARI-

MACUMBÊ — Brinquedo infantil, em esconderem-se as crianças para ficar de costas ou de olhos vendados e agarre alguma. O mesmo que

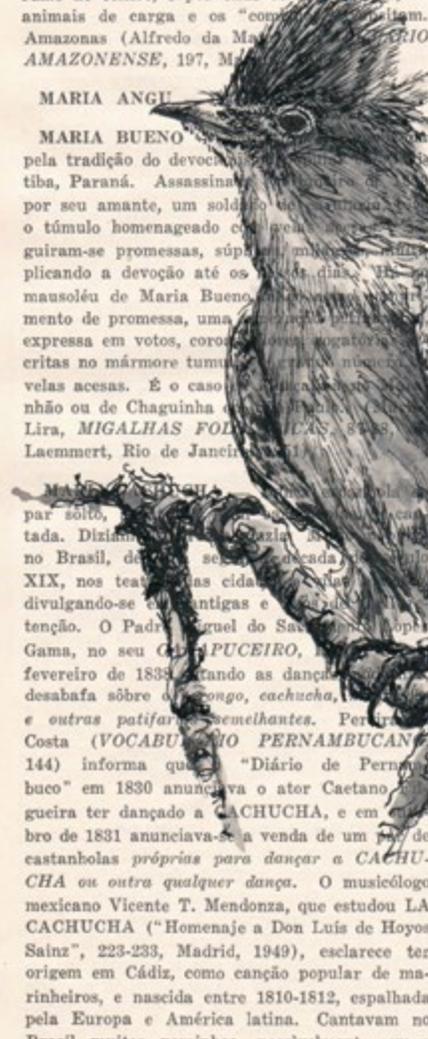
MARIA — Ver CHUVA.

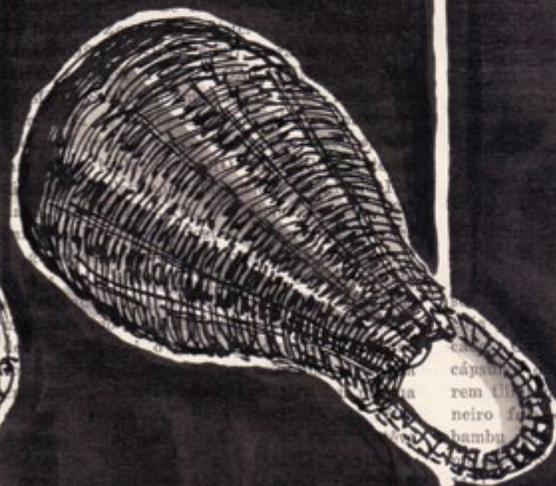
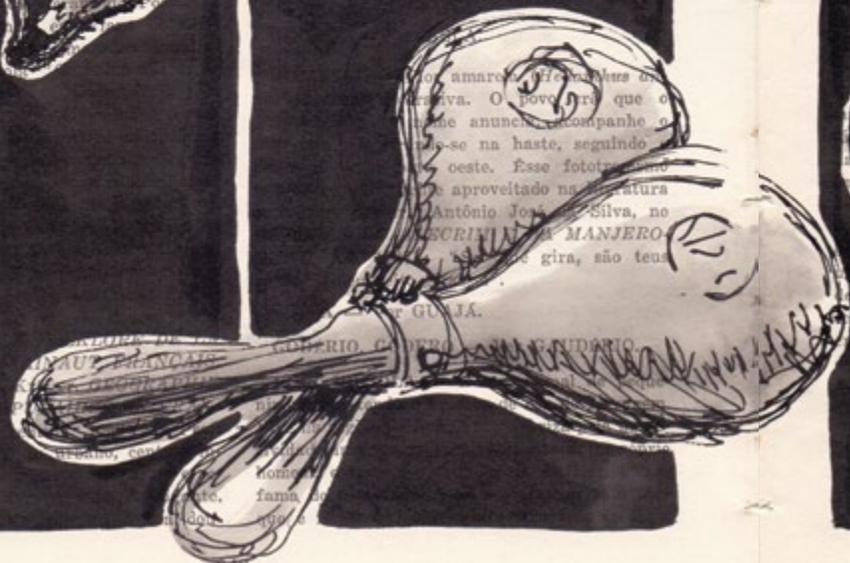
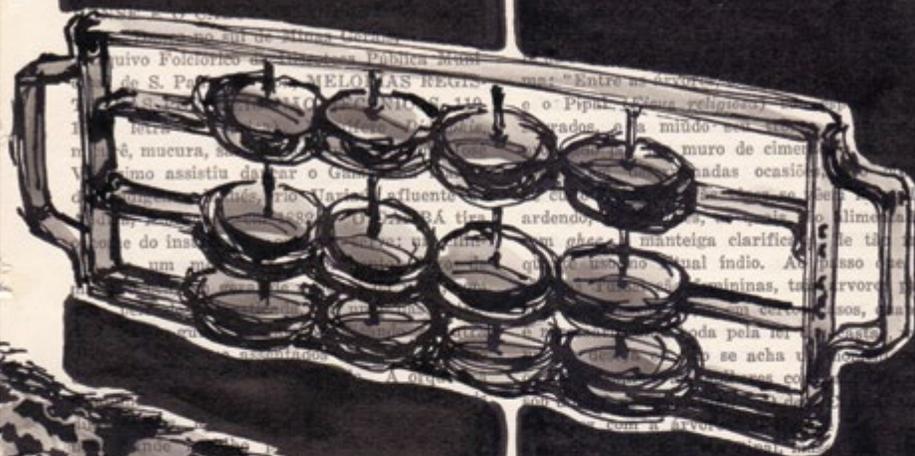
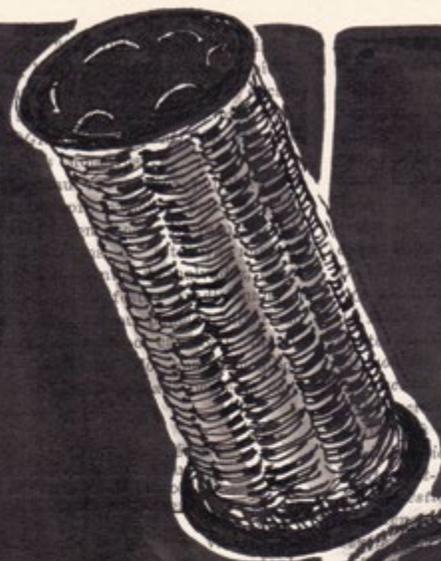
MARIA-ISABEL, carne cozida diária no Baixo Amazonas, um dos garimpeiros nos rios e águaia.

Dança popular em Goiás. O dançante mantém um círculo; o dançante, com o pote equilibrado sobre a cabeça, gritam: "Negro, o que responde — "Maribondo, Silabando as mãos pelo rosto e pelo resto do corpo, girasse maribondos que o mordesse, sem se derramar a água do pote. O instrumento usado para o dançar, não que se dançar, pagando uma multa em dinheiro, conforme os passos do BRASIL CENTRAL, 261-262, São Paulo, 1951.

MARICÁS — Ver MARDONHA.

MARIDO, MARIDO-É-DIA — *Elaeocna flavogaster*. Maria-é-dia, peitica, pequeno pássaro,





cia. De meados do séc. XIX a caíza das nove foi substituída, em vários lugares, por umas tantas badaladas do sino da matriz, o sinal de recolher, significando o mesmo. Dizia-se: São nove horas! Quem de dentro, dentro! Quem de fora, fora! Ouvindo-se o som do sino ou da caixa militar, findava a visita, e a cidade caía no silêncio. Um sujeito cheio de nove horas é criatura misteriosa, complicada, com trições e subterfúgios, não aceitando os elogios banais, desculpando-se com obrigações inadmissíveis e possivelmente imaginárias. O "toque das nove" era uma reminiscência do COUVRE-LEU medieval, o sinal dado pelos sinos das igrejas. François Villon, na segunda metade do século XV, cita no poema LE LAIS (LE PETIT TRÉVÉMENT) *J'ois la cloche de Sorbonne/Qu'on sonne jours à neuf heures sonne/Le Sout qui change prédit*. Correspondia ao toque do sino no Rio de Janeiro de 1825, badalado pelos sinos da Igreja de São Francisco, às dez horas da noite, determinadas pelo Conselho de Polícia. Des. Francisco Alberto Teixeira de Aragão, Vieira Fazenda, ANTIQUALHAS E MEMÓRIAS DO RIO DE JANEIRO, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" tomo 88, vol. 140, 31; Melo Moraes Filho, FESTAS E TRADIÇÕES POPULARES DO BRASIL, 11ª ed. Briguier, Rio de Janeiro, 1946). O Des. Lago dirigiu a Polícia da Corte e faleceu em 10 de junho de 1847. Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, o imperador nomeou Laurêncio Lago, SUPLENTE DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA E SUPREMO TRIBUNAL DE DEREAU, 2132, Rio de Janeiro, 1947).

NUDEZ — O estado de nudez possui uma expressão mágica. O corpo inteiramente despiado representa submissão completa aos poderes dos deuses invocados e, por ambivalência, intimida-os obrigando-os a atender aos desejos do devoto. Há a crença do efeito apotropaico da nudez, explicado pela exibição dos órgãos sexuais, afastando os demônios da esterilidade e inibindo a fecundadora ou vital. Certos "despachos" de catimbo são feitos nas encruzilhadas, estando o operador despido totalmente. Assim freqüentavam as bruxas clássicas o *sabat infernal*. Os candidatos à forma de lobisomem devem despir-se previamente. Feitiço não alcança uma pessoa nua, isto é, feitiço por contato. A nudez é isolante. Frazer (GOLDEN BOUGH, I, 248-278) reuniu extensa informação sobre a nudez como elemento indispensável nas rogatórias mágicas para obter chuva, na antiga Sérvia, Romênia, Rússia, etc. N. M. Penzer (THE OCEAN OF STORY, II, 117-120) registrou documentação ampla sobre o assunto, especial-

mente na Índia (Londres, 1924): "From the above examples we can see that there is a distinctive significance attached to the nakedness of a manny power which can be utilized for the purpose of producing rain, procreation, etc. But is the case with all the world? It may be used for less praiseworthy purposes, to gain control over a person" (p. 119).

"Não-se-Pode" é um fantezume que se encontra na praça da Igreja de N. S. do Carmo, em Teresina, Piauí. Mulher de tabaco, enfiado com alvissima mortalha, surge em movimentos madrugadas, determinando um pavor no povo. Não se pode afrontar aquele assombroso apinhador de um modo indizível (informação de Vitor Gonçalves Neto, Teresina, Piauí). Registrou-a em versos o Sr. João Terry (OJALÁ DA CORISCO, 28-29, Teresina, 1952). V. CRESCER E MINGUAR

NEVENS — A palavra vem, segundo o próprio, tem no sentido de "nevoeiro", "neblina", do norte brasileiro. É uma palavra de origem teológica, derivada do latim *nevens*, "neve". O termo também aparece em alguns textos antigos, como o *Canção de Euclides* (1908) e o *Canção de Luís de Camões* (1572). O termo também aparece em alguns textos antigos, como o *Canção de Euclides* (1908) e o *Canção de Luís de Camões* (1572).

NUDEZ — O estado de nudez possui uma expressão mágica. O corpo inteiramente despiado representa submissão completa aos poderes dos deuses invocados e, por ambivalência, intimida-os obrigando-os a atender aos desejos do devoto. Há a crença do efeito apotropaico da nudez, explicado pela exibição dos órgãos sexuais, afastando os demônios da esterilidade e inibindo a fecundadora ou vital. Certos "despachos" de catimbo são feitos nas encruzilhadas, estando o operador despido totalmente. Assim freqüentavam as bruxas clássicas o *sabat infernal*. Os candidatos à forma de lobisomem devem despir-se previamente. Feitiço não alcança uma pessoa nua, isto é, feitiço por contato. A nudez é isolante. Frazer (GOLDEN BOUGH, I, 248-278) reuniu extensa informação sobre a nudez como elemento indispensável nas rogatórias mágicas para obter chuva, na antiga Sérvia, Romênia, Rússia, etc. N. M. Penzer (THE OCEAN OF STORY, II, 117-120) registrou documentação ampla sobre o assunto, especial-

ral, não era raro verem-se os poetas repentistas empenhados em levar de vencida uns aos outros, na pugna das consoantes e rimas, desviarem-se reciprocamente do assunto principal e atraírem-se ao desconhecido, completando muitas vezes em sentido inteiramente contrário ao pensamento apenas enunciado pelo colega *in fronte*, como também aproveitarem-se do ensejo para ferir com epigramas e indiretas este ou aquele indivíduo, costume ou uso (Pereira da Costa, FOLCLORE PERNAMBUCANO, 277-278). O mesmo autor cita algumas décimas improvisadas nos oiteiros na capital pernambucana. O exemplo abaixo transcrito dirá da liberdade de expressão que era glosado, e esse critério de liberdade que os oiteiros viveram. A primeira décima é de Padre Filipe Benício B. B. de Moraes do séc. XVIII, e a segunda de um poeta popular anônimo: Mote: A Criação de Maria.

Foi Deus no dia primeiro  
O mundo sem lamento;  
No segundo o firmamento  
Fiz o sol no terceiro;  
No quarto fiz o lazeiro,  
No quinto o mundo alumiado,  
No sexto a animalia,  
No sétimo fez os humanos,  
No oitavo mil anos  
A criação de Maria!

No oitavo a Taboca  
Fiz uma varal pinarria,  
No nono o charreirinho,  
No décimo de Jacara,  
No onze a pinoca,  
No doze a barrica fria,  
No treze a barrica fria,  
No quatorze a barrica,  
No quinze a barrica,  
No dezesseis a barrica!

assistiam a essa demonstração positiva de espírito, de verve de espontaneidade. Trepava o poeta naquelas alturas e de lá dizia: *venha mote!* Alguém indicava um mote, sempre de assunto religioso, como *Tota pulchra es, Maria*, louvores a São José, as dores do Bom Jesus. Mas não pensem que os poetas recitavam os versos improvisando-os dentro da unção ascética e mística dos motes. Aproveitavam para surrar os desafetos, para *justar-contos* com os boateiros, para fazer rir. Era cômico, natural e curioso... O velho professor José Gotardo Eme-



da propriedade que começava a sidência Salesiana (antiga Vila se alcançava o Areial, perto de o de uma engenhoça de moer rial estendia-se por onde hoje s de cimento armado e telha Branco e Rua do Sul, Teatro ste. O engenho ficava por trás ro. Tinha o nome de Pitu e seu encarregado era um camarada de quem resta apenas o apelido de Serigadinho. Num oiteiro na Igreja do Bom Jesus, José Elísio Emerenciano, numa décima improvisada para o mote a *Jesus, que é nosso bem*, fixou o engenho e seu gerente:

Quem falou agora?  
Que de PITU?  
Quem fez o cururu  
Do engenho do Solfejar?  
Quem fez o engenho louvar  
Garapa de graça tem?  
Serigadinho também  
Não cessa de engrossar,  
Louvores viemos dar  
A Jesus, que é nosso bem.

(Luís da Câmara Cascudo, HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, 97-99, Edição da Prefeitura Municipal, 1947).

OJA — Feitiço de candomblé, constando de uma faixa ornada de conchas e contas.

OKE — Nome de um orixá na Bahia, vivendo em Plataforma, arredores da capital, no alto de uma colina. Para os iorubanos o grande orixá Obatalá vivera no cimo de um monte denominado Oké. Nina Rodrigues é fonte única (L'ANIMISME FÉTICHISTE DES NÈGRES DE BAHIA, 139-140): *Un père de terreiro m'a assuré qu'il y a à Bahia, au faubourg de la Plataforma, un monticule qui est adoré comme un "Orisha Oké", par ce que les nègres après avoir adoré Obatalá sur un mont ou sur une colline ont fini par divinisier et adorer la montagne elle-même. O orixá Oké é filho de Iemanjá, nascido quando o ventre da deusa*

não as esporas dentro de casa indicava o grau de amizade com o fazendeiro. Nas aldeias os "estatutos" ou protocolos e costumes flexíveis permitiam anomalias que apenas a Idade Média explicava. Em determinadas regiões era permitido entrar-se de casa adentro com o chapéu na cabeça mas sem esporas.

Em residências de grandes proprietários verificava-se o contrário: as esporas dos cavaleiros, tintas de arrastando, estavam tijolos, as chilenas, Sul, anu... panheira, irmão, o... zendeiros... que os seus... Só podiam calcanhar... prios filhos... que lhes dava... A mulher e o cavalo... de casa...

Fui moço, hoje... Morro quando... Nem sempre a mulher está no primeiro plano. Perde-se para o cavalo:

Mulher, meu cavalo, morram no mesmo dia. O cavalo é quem cuida da mulher. O cavalo custa dinheiro e a mulher não falta.

Em Cruzadas o cavaleiro, e já havia a tradição dos cavalos árabes. O muçulmano cavalo como supre...

... na Cruzada de... 1916) e... Sevilha, 1883):

Mi mujer y mi caballo  
Se me murieron a un tiempo;  
Qué mujer, ni qué demonio!  
Mi caballo es lo que siento!

Nas Cruzadas o cavaleiro, e já havia a tradição dos cavalos árabes. O muçulmano cavalo como supre...

e Misericordioso. Para o Oriente é um grande inspirador de poesias e de heroísmo. É, pela elegância, a dalguia, sensibilidade e coragem, o rei dos animais ilustres. Westermarch (SUI-VANNES PAIENNES DANS LA CIVILISATION MAHOMETANE, 128) informa: "O mais precioso de todos os animais é o cavalo. É o sangue de ouro, semelhante a um xerife. Ele dá a vida para o seu dono e para a casa dele. Os espíritos malignos fogem do lugar onde ele encontra o cavalo: quando ele relincha, todos fogem ou quebram a cabeça. É que ele tem um respeito supersticioso que os outros animais não têm." Quando o cavalo morre, o dono deve chorar e fazer uma festa. "Quando o cavalo morre, o dono deve chorar e fazer uma festa. Quando o cavalo morre, o dono deve chorar e fazer uma festa."

... de uma... África do... Quando o cavalo morre, o dono deve chorar e fazer uma festa. Quando o cavalo morre, o dono deve chorar e fazer uma festa. Quando o cavalo morre, o dono deve chorar e fazer uma festa.

... sep. da... 1951. Luís da Câmara Cascudo, LEGEN... TUDINES MEDIEVAIS N... DO BRASIL, Miscelânea de... a Fernando Ortiz, 1.º, 346-3... Cavalo, La Habana, 1955.

CAVALO FANTASMA — Ninguém o vê, mas sente pelas passadas firmes. Uma luz clara, desmana, desenha na rua o seu vulto... Tornam-se mais fortes, assim como a proporção que o cavalo se aproxima. Diminui a medida que se aproxima o animal. Passa em certas horas de Angra dos Reis, sempre a horas caldas de certas noites. FOLCLORE FLUMI-

CAVALO FANTASMA — Ninguém o vê, mas sente pelas passadas firmes. Uma luz clara, desmana, desenha na rua o seu vulto... Tornam-se mais fortes, assim como a proporção que o cavalo se aproxima. Diminui a medida que se aproxima o animal. Passa em certas horas de Angra dos Reis, sempre a horas caldas de certas noites. FOLCLORE FLUMI-

## Pai dos burros (em processo)

TERESA BERLINCK - DESENHOS  
JULIO DE PAULA - PEÇA SONORA

Instalação que recria o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, obra literária que aborda larga e profundamente a cultura tradicional brasileira. O trabalho é composto por centenas de extratos (imagens e sons) articulados por meio de revisão, releitura e atualização poética do dicionário e de associações entre referências de texto, imagens e sonoridades.

Popularmente conhecidos como *pai dos burros*, os dicionários são livros de referência que definem significados ou traduções de termos apresentados em ordem alfabética. O *Dicionário do Folclore Brasileiro* é um dicionário enciclopédico, resultado de quarenta anos de estudo e pesquisa da cultura tradicional e etnografia do Brasil.

Pai dos burros da atualidade, o Google pode ser comparado a um dicionário enciclopédico. Como um índice que pretende sumarizar tudo o que há na Internet, é a principal fonte de consulta e referência da contemporaneidade, contendo inclusive os tradicionais dicionários e enciclopédias.

PAI dos BURROS visita e interpreta a obra de Câmara Cascudo confrontando seu conteúdo com a memória das pessoas, imagens, sons e dados buscados na Internet. Investiga formas de percepção da cultura tradicional na contemporaneidade, movimentos e procedimentos da transmissão do conhecimento no contexto das ações de pesquisa presentes em nossas relações com livros e arquivos de referência.

Mais informações em:  
[teresaberlinck.com.br/atelie-producao-recente](http://teresaberlinck.com.br/atelie-producao-recente)

Peça sonora em:  
[soundcloud.com/paidosburros](https://soundcloud.com/paidosburros)



TERESA BERLINCK

*www.teresaberlinck.com.br*

Artista plástica, trabalha com sistemas de referência, desordenando narrativas e construindo associações entre memória e história. Transita entre desenho, escultura, instalação, livro, performance. Graduação: 1999 - Bacharelado em Artes Plásticas, FAAP SP; Mestrado: 2006, Produção Teoria e Crítica em Artes Visuais, FASM São Paulo.

JULIO DE PAULA

Tem o meio sonoro como forma de expressão e experimentação. Opera com mecanismos de documentação, em especial da cultura tradicional. Rádio-artista, é interessado no registro e deslocamento de paisagens sonoras latino-americanas. Diretor de programas na Rádio Cultura FM (São Paulo), foi premiado pela VI Bienal Internacional de Rádio do México (2006) pelo projeto “Veredas”. Em sua pesquisa, busca um ponto de contato entre o rádio e as outras artes.